

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: _____

Data: 07.05.82

Pg.: _____

**Avá-guaranis irão
receber nova terra.**

FOZ DO IGUAÇU — Diretores da empresa Itaipu Binacional, representantes do Conselho Indigenista Missionário, da Fundação Nacional do Índio e do Incra estarão reunidos hoje, em Curitiba, para definir a transferência de uma área de 200 hectares de terra, no município de São Miguel do Iguaçu, para a comunidade dos Avá-Guarani, que ocupa uma área a ser alagada com o fechamento das comportas da hidrelétrica de Itaipu.

Os guaranis, do ramo Xiripa, estiveram visitando a gleba, pertencente ao Incra, e em seguida enviaram uma comissão de oito membros para comunicar a aceitação da área, junto ao rio Paraná, com um total de 160 hectares ainda cobertos por mata virgem.

Falta agora a definição de aspectos jurídicos da transferência da área, e uma das perspectivas acenadas pela diretoria jurídica da Itaipu é a titulação conjunta, para todas as famílias, através de transmissão dos 200 hectares, do Incra para a Funai. Concretizado este acerto, a Binacional livra-se de um dos grandes motivos de críticas que recebeu nos últimos tempos.

Os guaranis recusavam-se a deixar os 50 hectares de terras que hoje ainda ocupam, na região do Ocoí, entre os municípios de Foz do Iguaçu e São Miguel do Iguaçu; eles só sairiam se tivessem assegurada a ocupação de outra área, maior, e preservada. Inexistem registros mais detalhados, mas sabe-se que até pouco mais de uma década atrás, eles ocupavam uma grande extensão, na região, que foi sendo depredada por exploradores de madeira e outros invasores.

Das cerca de 30 famílias existentes no local, a maioria tomou rumo ignorado, possivelmente em direção ao Paraguai, atravessando o rio Paraná. Muitos índios resistiram à decisão da Funai de confiná-los em reservas, como a de Rio das Cobras (município de Laranjeiras-PR), porque não aceitam a miscigenação com outras tribos — comum em reservas. Os que chegaram a ser transferidos acabaram voltando, de carona ou a pé.

SEM ÁRVORES

Agora restam 11 famílias, vivendo em condições precárias, porque a área praticamente não tem mais uma árvore em pé, e conseqüentemente inexistente a caça; o cultivo da terra também é dificultado pela falta de recursos para sementes e outros insumos. Após muitas negociações, os guaranis aceitaram os 200 hectares preservados, onde acham que poderão sobreviver.